

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências

Milena Silva LISBOA¹
Maria Cristina Gonçalves VICENTIN²
Gabriela GRAMKOW³

Resumo

O artigo discute três experiências extensionistas em Psicologia surgidas na pandemia entre corpos virtualizados: um dispositivo de trocas de cartas entre estudantes anônimos de duas grandes capitais brasileiras, que funcionou como motor de construção de vínculos a partir do compartilhamento de experiências de isolamento vividas no período de quarentena da Pandemia; uma vivência de formação sobre o cuidado na educação e na socioeducação como aposta no dispositivo da pesquisa como encontro; e a última situação, a da presença do curso na articulação de rede solidária no enfrentamento aos impactos da pandemia da Covid-19, configurando novas fronteiras na relação com o território e nos deslocando para outras experiências formativas. Transversalmente às experiências, buscamos traçar algumas pistas indicativas de um modo de fazer extensionista, que se assume em um devir usina como aposta na invenção de dispositivos clínico-políticos que ousam compor processos de subjetivação que escapam à lógica disciplinar e normativa.

Palavras-chave: Formação. Extensão universitária. Isolamento social.

¹ Psicóloga, doutora em Psicologia Social, professora da Graduação em Psicologia e do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0303-9173>.

E-mail: milenalisboa@bahiana.edu.br

² Professora doutora da graduação e da pós-graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1718-6721>. A pesquisadora contou com apoio de bolsa CNPq n. 314659/2021-8.

E-mail: cristinavicentin@usp.br

³ Psicóloga; doutora em Psicologia Social; professora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6527-6583>.

E-mail: ggramkow@pucsp.br

Extensionist experiences and university education: territory, care, and resistance

*Milena Silva LISBOA
Maria Cristina Gonçalves VICENTIN
Gabriela GRAMKOW*

Abstract

This article discusses three extensionist experiences in Psychology that emerged in the pandemic between virtualized bodies: a device of exchanges of letters between anonymous students from two large Brazilian capitals, which worked as a motor for building bonds based on sharing experiences of isolation lived in the quarantine period of the Pandemic; an experience of training on care in education and socio-education as a bet on the research device as a meeting; and the last situation, the presence of the psychology course in the articulation of a solidarity network in coping with the impacts of the Covid-19 pandemic, configuring new frontiers in the relationship with the territory and moving us to other formative experiences. Transversally to the experiences, we seek to trace some indicative clues of an extensionist way of doing, which is assumed as a becoming factory as a bet on the invention of clinical-political devices that dare to compose subjectivation processes that escape the disciplinary and normative logic.

Keywords: University Education . University Extension. Social Isolation

Experiencias extensionistas y formación: territorio, cuidado y resistencias

*Milena Silva LISBOA
Maria Cristina Gonçalves VICENTIN
Gabriela GRAMKOW*

Resumen

Este artículo aborda tres experiencias extensionistas en Psicología que surgieron, en el período de la pandemia, entre cuerpos virtualizados: un dispositivo de intercambio de cartas entre estudiantes anónimos de dos grandes capitales brasileñas, que funcionó como motor para construir vínculos a partir del intercambio de experiencias de aislamiento vividas durante la cuarentena de la Pandemia; una experiencia formativa sobre el cuidado en educación y socioeducación como posibilidad al dispositivo de investigación como encuentro; y la última situación, la presencia del curso en la articulación de una red solidaria frente a los impactos de la pandemia del Covid-19, marcando nuevas fronteras en la relación con el territorio y trasladándonos a otras experiencias formativas. De manera transversal a las experiencias, buscamos rastrear algunas pistas indicativas de un hacer extensionista, que se asume en un devenir factoría como apuesta a la invención de dispositivos clínico-políticos que se atreven a componer procesos de subjetivación que escapan a la lógica del disciplinario y normativo.

Palabras clave: Formación. Extensión Universitaria. Aislamiento social.

Introdução

A despeito do viver regido pelo restritivo e pelo precário, durante a pandemia de 2020 e 2021, na formação, buscamos encontros. Inventamos alguns momentos de alianças. Criamos trocas viventes com as estudantes. Procuramos intensidades no cotidiano planejado. Muitos anseios e receios lentificam nosso viver formativo neste mundo. Os tempos e os espaços são contínuos e permanentes. O sensível vibra quando conseguimos partilhá-lo e testemunhá-lo neste momento pandêmico de distanciamento e impossibilidade. Resistimos às mortificações do presente.

Novos territórios estão sendo constituídos nesta pandemia, impondo diversos modos de habitação. Territórios atravessados pelo medo do contágio e da morte, pelos impedimentos e limitações ao nosso desejo, pelas perdas e ressignificações que nos são exigidas. Territórios de proteção e intensificação de intimidades, de distâncias e virtualidades: tramas cotidianas que mesclam economias de afetos e conflitos, possibilidades de encontros outros e algumas saudades.

Educar e aprender - dois verbos já tão debatidos e extensamente questionados - passariam novamente ao centro do debate para todos aqueles, que inevitavelmente, se lançam na tarefa de construir novas bases coletivas para a educação em tempos de pandemia. A potência de afetar-se e compor com esse novo mundo, e suas mais estranhas contradições, nos colocou frente às exigências das virtualidades: agora os encontros podem se dar por meio de imagens, entre textos de diversas naturezas, por dentro de músicas ou circulando em documentários, compartilhando imagens de vídeo, entre áudios quase anônimos. Diante de tanto, como compor com as cenas 2D que nos chegam através das telas, habitando-as com as histórias dos personagens que ali se constelam? Como criar vínculos e estreitar distâncias? Como ampliar trocas e espaços de aprendizagem coletivos, a partir do sensível que habita em nós? Um novo regime de sensibilidades tem se estabelecido no território da educação e a nós, educadoras, cabe a tarefa de nos deixar afetar pelo desconforto dos instituintes, provocando e sendo provocados por vibrações entre elementos contraditórios e difíceis, que mesclam potências múltiplas e afetos (por vezes tristes, marcados pela dor, mas também afetos alegres, com as marcas da esperança), exigindo a invenção de outras circulações de desejo e outras ecologias de saberes.

Partindo do cotidiano e do papel de cada professor, de cada aluno, de cada profissional formado, Foucault (2000) sugere três atitudes micropolíticas que apontam para todos nós um caminho, onde a ética se mistura com o cuidado de si e dos outros. Três fazeres: 1. Potencializar a crítica; 2. Conectar-se com o passado e com os elos perdidos da tradição e 3. Forjar modos de existência em direção a novas subjetividades, a processos de subjetivação revolucionários.

O primeiro fazer, potencializar a crítica, gera, de entrada, um questionamento: Como aguçar esse tal pensamento crítico? Diante do excesso de informações, textos e posições publicados em todos os meios de comunicação, hoje acessíveis em nossas mãos durante as vinte e quatro horas do dia, como conseguir refinar a escolha, desconfiar e perceber que muito do que é propagado nos distrai? Fundamental nessa tarefa é a ideia de que a crítica deve ser vivida, mais do que falada. A crítica não pode ser considerada como ferramenta de saber, exclusivamente. Ela se compõe de discursos e práticas que fazem viver, dando visibilidade a acontecimentos e a saberes silenciados. Margareth Rago diz da necessidade de abrir *“a noção de crítica a um acolhimento e a uma comemoração do que deve ser apreciado, valorizado e prestigiado, ao contrário da maneira pretensamente objetiva, classificatória, arrogante e negativa, que incita a julgar e a condenar de cima, de fora e do alto, em nome de uma verdade única”*. (2009, p. 255)

Neste ponto, encontramos em Foucault (2000) uma valiosa pista para repensarmos os processos formativos, especialmente em saúde mental.

Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procurasse julgar, mas que procurasse fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma ideia; ela acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e tentaria apreender vôo da espuma para semeá-la. Ela multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais de existência, ela os provocaria, os tiraria de seu sono. Às vezes, ela os inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela seria soberana, mas vestida de vermelho. Ela traria a fulguração das tempestades possíveis. (p. 195).

Nesse texto, nos propomos mergulhar em três experiências surgidas nessa constelação ecológica entre corpos virtualizados: um dispositivo de trocas de cartas entre anônimos de duas grandes capitais brasileiras; uma produção de pesquisa de iniciação científica sobre o cuidado, as meninas e a sociedade, tomando a pesquisa como dispositivo de relação e aposta no encontro; e a última situação, a presença do curso de Psicologia na articulação da “Rede Brasilândia Solidária”, no enfrentamento aos impactos da pandemia da Covid-19, configurando novas fronteiras na relação com o território e nos deslocando para outras experiências formativas.

Transversalmente às experiências, buscamos traçar algumas pistas indicativas de um modo de fazer extensionista que nos interessa circunscrever. De modo a forjar outras conexões entre as formas de conhecer envolvidos na pesquisa e no ensino universitário e os territórios que se relacionam, a extensão aparece aqui em sua potência articuladora de experiências ético-políticas singulares

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências

(individuais e, ao mesmo tempo, coletivas), produzindo desvios na formação a partir da invenção de dispositivos que produzem continência e pertencimento, circulação de afetos e construção coletiva. As três experiências extensionistas aqui apresentadas oferecem elementos para uma reflexão acerca dos efeitos de intensificação das relações universidade-mundo na experiência formativa e dos deslocamentos e construções de novas fronteiras e relacionamentos micropolíticos com os territórios.

Máscaras anônimas: a troca de cartas como dispositivo de re-existência

No primeiro caso, um projeto construído no âmbito da extensão universitária, teve como proposta a elaboração de um dispositivo narrativo, que intencionou criar invenções de si destinadas a um desconhecido. Alteridade que habita o fora – território outro de si mesmo -, como forma de produção de re-existências, enquanto imperativo de resistir perenemente, a partir de reinvenções (CASTRO, 2006). O dispositivo propôs a troca de correspondências entre dois desconhecidos, que habitavam territórios distintos e distantes: as cidades de Salvador, capital do estado da Bahia, terra ancorada no Recôncavo baiano; e a cidade de Belém do Pará, integrante do território amazônico. Ambos territórios folclóricos, povoados por uma diversidade cultural e por riquezas idiossincráticas, marcados pela história de escravização e colonização de distintos povos, miscelâneas brasileiras, que desenvolveram modos próprios de inventar-se artisticamente e culturalmente e re-existir (CASTRO, 2006).

Este experimento buscou forjar uma relação vincular entre dois desconhecidos, que permaneceram alheios às identidades de seu correspondente, de modo a inventar uma versão de si emergente a este momento de Pandemia que vivemos no ano de 2020 a partir da troca de narrativas (biográficas ou mesmo autoficcionais), músicas e fotografias, marcadas por seus territórios. Essas linguagens foram os veículos de invenção de novos mundos, que se iniciaram a partir de uma apresentação de si, forjada pela arte, de modo a permitir que outras máscaras pudessem colar-se nas peles, para além da máscara de proteção, cuja estética pudesse transcender a dor e a perda, e aumentar assim a potência de vida, recuperando a capacidade de resistência e produção de afetos alegres.

Este projeto, portanto, teve como objetivo promover saúde mental para estudantes a partir da construção de vínculos anônimos e reinvenções de si, reapropriação dos territórios existenciais em contato com a alteridade. Buscou a produção de um plano comum, em relação com a outridade (Deleuze, 1987), com a possibilidade de fazer-se outro, forjando máscaras inventivas e anônimas,

LISBOA; VICENTINI; GRAMKOW

endereçadas ao desconhecido, habitante de um território distante, mas que se fez íntimo e confidente – justamente por ser alteridade. Seguindo as pistas de Foucault, o projeto se fez a partir da produção de uma ética, de abertura, de confiança, de escuta e acolhimento, com o intuito de estetizar-se e produzir da própria vida uma obra de arte.

O projeto contou com a participação de 42 pessoas – 21 duplas, integrantes dos cursinhos pré-vestibular Steve Biko (Salvador) e Emancipa (Belém), da graduação de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador) e da Universidade Federal do Pará (Belém), do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções Sociais em Saúde da EBMSP (Salvador) e do Mestrado Acadêmico em Psicologia da UFPA (Belém) e duas coordenadoras, que participaram como correspondentes. O projeto aconteceu entre agosto e dezembro de 2020. Durante esses 4 meses, aconteceram trocas de correspondências semanais entre participantes (alternadamente – uma semana de cada núcleo); além de encontros mensais entre participantes de cada núcleo e suas coordenadoras através de uma plataforma virtual. Foram enviadas 8 cartas por cada participante, totalizando 336 cartas. Como forma de socializar os efeitos dos encontros com os participantes do projeto, foram realizadas 5 rodas de conversa com cada núcleo separadamente (10 encontros no total, mediados pelas coordenadoras do projeto, com participação de coordenadoras pedagógicas dos cursos pré-vestibular).

Ao longo das trocas e dos encontros mensais, o projeto foi se mostrando enquanto um dispositivo de invenção de si extremamente potente, permitindo aos seus participantes forjarem uma persona anônima, de modo a performar outras existências possíveis, em tempos tão limitados. Por invenção de si nos referimos às práticas de si envoltas na noção de cuidado, como discutido por Michel Foucault na *Hermenêutica do Sujeito* (2004), para salientar a criação de novas formas de vida, a partir de um mergulho sobre a verdade de si mesmo. Uma analítica da verdade de cada um, feita a partir de práticas educacionais e exercícios ético-estéticos, como proposto por Freitas (2010, p. 170), oferece “*ferramentas potentes para uma crítica aos processos de formação humana*”. O cuidado de si, neste cenário, é entendido como condição para forjar uma vida autora de si mesmo.

Na experiência aqui narrada, por não ter pretensões realistas, alguns participantes puderam criar outros mundos vividos, outras experiências, e puderam viver situações através de narrativas autoficcionalas que lhes permitiram sentir o sonho ser possível, palpável. Para a maioria, no entanto, a possibilidade de contar sua história a um desconhecido lhes permitiu resgatar sua própria vida,

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências

escolhendo momentos específicos carregados de memórias e afetos, construindo uma versão de si que lhes parecia genuína e verdadeira. Esse retorno ao passado, narrado em palavras, pôde forjar uma relação de afirmação de si, lhes permitindo performar a versão que mais lhes parecia ser libertadora, em tempos tão limitados. A seguir, trecho de uma primeira carta, a modo de apresentação:

Olá, me chamo Sol e essa é a nossa primeira correspondência, J. É bom saber que você está aqui comigo pra conversar, J. Espero que nesse período a gente possa fazer uma boa companhia um prx outrx. Bom, falando de mim ... Confesso que não foi tão difícil estar em casa, eu moro em uma cidade longe do centro e sempre que tenho que ir pra algum lugar passo umas 4 horas no processo de ir e voltar rs, dentro do transporte coletivo. Eu não tenho muitas pessoas lá fora pra ver tbm, não que eu seja antissocial (não me considero rs), mas sendo a pessoa que mora longe, quase ninguém vem em casa. Os amigos que se fazem presente nos lugares que frequento, como a faculdade, quase nunca eu saio pra algum lugar com alguém rs. (Até com quem me relaciono amorosamente pq nosso amor não é bem visto nas ruas. Deve estar achando que sou uma pessoa chata, mas não sou rs. Eu só talvez esteja cansada, o que justifica a minha falta de vontade pra sair, ver alguém. Essa cidade é bastante religiosa e isso não precisava ser algo ruim, mas tenho muitas histórias de preconceitos que vi e passei nas ruas daqui nem me refiro a apenas um tipo. Infelizmente ...

Eu não sei se vc tem alguma religião e se sim, como se relaciona com ela, se é tolerante, se respeita as pessoas... eu espero muito que sim! <3 isso é importante pra mim. Mas não quero demonizar as pessoas daqui rs, essa não é minha intenção, não vamos generalizar as pessoas.

Mas então eu sou uma pessoa que tá um pouco cansada ultimamente, não queria transparecer isso, mas é difícil não falar sobre, não sou aquele tipo de pessoa que faz textões em redes sociais (pq eu não vejo muita eficácia em mudança nisso), mas é algo pessoal. Com certeza tem algum alcance, só que as pessoas estão falando demais e agindo na prática de menos...

O Amor no mundo até isso as pessoas têm banalizado. Já teve a sensação de que muitos estão no piloto automático? Pensam no trabalho como se fosse tudo, como se fosse a vida deles, as relações familiares estão se enfraquecendo, a hipocrisia tem em todo lugar, o jogo de puro interesse parece nunca acabar.. e eu nem falo de agora do período de pandemia isso já vem de muito tempo das pessoas ao meu redor.

Tem que ser um pouco louco pra viver aqui rsrs.

Essas narrativas ganharam materialidade com o recurso das músicas, enviadas de modo a compor sua identidade para esse outro, correspondente que habita um território diverso, inclusive musicalmente. Apresentar a si mesmo e o território baiano e paraense através das músicas mostrou-

LISBOA; VICENTINI; GRAMKOW

se uma atividade lúdica e estética e certamente permitiu aos participantes do projeto a construção de vínculos que simulavam afetos e histórias carregadas de memórias musicais.

As fotografias também se revelaram uma linguagem potente: ambientes caseiros, pequenos objetos pessoais com valor afetivo, animais de estimação, pessoas próximas e importantes, registros de pontos turísticos, de lugares belos e idiossincráticos, cantinhos íntimos, lembranças antigas, memórias afetivas familiares, festas populares de anos anteriores... Uma riqueza!

Foto 1



Ao longo dessas 16 semanas, a construção de vínculos de amizade foi se tornando possível, e uma intimidade foi sendo gerada. Palavras de apoio, de suporte, de acolhimento, de escuta puderam permitir que desabafos, angústias, dúvidas, relatos de sofrimento também fossem trocados. Aos poucos, relações de cuidado foram sendo estabelecidas, permeadas pela ansiedade da espera entre

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências

uma semana e outra, além da sensação de estar diante de um estranho já meio íntimo. A curiosidade foi outro tempero que adoçou esses vínculos.

As cartas de despedida foram emocionadas e felizes. A maioria das duplas manteve-se disposta a continuar a se corresponder – as promessas de encontros futuros nos diziam que o projeto foi só o início de algumas relações que seguirão seus próprios caminhos.

Sabe quando falta um minuto pra acabar a sessão, e o paciente fala o mais importante? Me senti assim, com o seu depoimento tão livre e sincero, queria saber mais sobre tudo isso, saber mais de você é saber profundamente sobre o não eu e isso me interessa muito.

Também não sabia que esta seria a última carta, é difícil demais pra uma obsessiva concluir qualquer coisa em 9, me preparei para 10 cartas, ora!!! A birrenta que há em mim protesta, mesmo cansada demais de tudo que estou fazendo esse ano.

Achei tão legal você dizer como a sensualidade é uma forma de expressão da pessoa, que coisa, é verdade! A sua descrição diz tanto sobre você. A gente tem que se apegar em alguma esperança e estou muito fã dessa nova levada de homens menos egoístas e menos machistas. Como você, que mesmo reconhecendo o quanto está preso às amarras da sociedade, está tentando se livrar delas.

Ícaro, 15 pessoas em 2020? Que talento!!! Me acabei de rir quando você disse que detesta sexo casual e tem pelo menos duas experiências por semana pra se arrepender. Que inveja que me deu, de pegar displicentemente a carona do lado contrário da pista de onde se quer ir. E eu aqui pensando que bom ter uma conchinha, pois seria bem mais difícil passar esses tempos sozinha. Olha só como cada pessoa vive um mundo dentro desse mundão.

Fiquei imaginando porque você acredita que eu conheço o amor próprio. Fiquei pensando nessa expressão, me lembra nome próprio, do português, com letra maiúscula. Onde ele mora, esse cara? Será que só mesmo num relacionamento convencional? Ou é um Amor Próprio porque é amor de amar a si mesmo? Não sei dizer, mas acho que você acertou, eu amei todos com todo meu ser, porque tem um amor por mim e pela minha maneira de amar, e eu só tô dentro quando isso acontece. Por isso retiro meu amor do mesmo modo que invisto, porque acho que como você, acho a parte mais legal a do sentimento. Não sei se é mesmo da Frida Kahlo essa frase, mas até comprei a camisa: Onde não pudes amar, não te demores.

Gratidão quer dizer bondade, benevolência, humanidade e boa vontade. Tem tudo isso aqui. É o que mais se aproxima para definir o meu sentimento sobre essa experiência. Mesmo breve e distante, ela se fez verdadeira e profunda pela nossa disposição. Um encontro que muito aqueceu o meu coração. Você é uma pessoa linda de se ver, e me presenteou com os registros elegantes da sua alma.

Ao final do projeto, foi realizado um encontro entre todos os participantes, junto com todos os coordenadores, para que os participantes conhecessem seus correspondentes e houvesse a

LISBOA; VICENTINI; GRAMKOW

avaliação coletiva do projeto e o fechamento das atividades. Esse encontro onde todos se conheceram foi absolutamente emocionante – havia no ar uma ansiedade misturada a um desejo curioso de saber quem seria seu correspondente, como ele/a parecia, como seria seu rosto. Desejo de abraçar, de seguir conversando, de continuar.

Entre trocas de palavras, músicas e fotografias, a força da reinvenção de si foi ativada por afetos estranhamente acionados por desconhecidos entre territórios semelhantes, porém alheios. Uma mesma experiência pandêmica nos uniu de forma inédita, gerando devires de existências outras, e novas máscaras puderam ser forjadas. Para além do registro das mortes e do medo dos jornais diários, recriar-se, re-existir e sobreviver perenemente (CASTRO, 2006), ativar a potência dos afetos e da arte.

Itinerando cuidados: aprender, pesquisar e escutar

O segundo caso foi produzido em meio à pandemia do Covid-19 na graduação em Psicologia da PUC-SP. Com a determinação do isolamento protetivo e comunitário sofremos uma transferência para o modelo de ensino remoto emergencial. Essa condição inédita nos lançou em encontros semanais por uma plataforma mediada por tecnologias digitais. Ganhamos uma sala virtual para cada disciplina. A tela era composta por várias caixinhas de salas. A cada aula encontrava as estudantes demarcadas pelos seus corpos recortados e passamos a um território existencial de cabelos, cabeças, pescoço e alguns braços. O movimento era a todo momento contido. O foco era na linguagem oralizada, verbalizada e centralizada na figura da docente.

A universidade logo lançou formações para docentes aplicarem "metodologias ativas" para enfrentar a possível vida monótona das imagens aplainadas. A fim de iluminar a classe, recebemos, inclusive, orientação sobre como ambientar um foco de luz em nossa imagem em nossas casas, para o ambiente ficar mais aquecido e criar um enquadramento da professora visando produzir uma aproximação.

Conjuntamente com esse enfoque de ofertar espaços de trocas sobre as experiências e instrumentalizar a execução da aula online, as trocas formativas também compuseram o investimento e reconhecimento da presença educacional síncrona e próxima, problematizando a ética do cuidado e do encontro, como vimos enunciando nesta formação oferecida para os docentes o "Ensino à

distância- Docência do ensino superior no esquadro da ética da alteridade: (des)encontros entre professores e estudantes".

Conjuntamente com o viver educacional do ensino emergencial remoto a universidade seguia operando e convidando para a prática da pesquisa, e mesmo naquela realidade online os editais de pesquisa para a produção de saberes circularam e apostamos em candidatar um projeto. Mas uma questão nos acompanhava: como pesquisar nestas condições? Para quê criar algo com tantas (im)possibilidades? As prorrogações das pesquisas foram aplicadas e autorizadas em todas as pesquisas brasileiras. Parecia que não cabia inventar uma nova pesquisa em um momento de emergência e crise(s). Como poderiam ocorrer pesquisas já que estávamos impedidas de circular? Como pesquisar-intervir?

As buscas por mais encontros formativos feitas pelas estudantes por mensagens de e-mails, ou mensagens nos chats das plataformas digitais, ou mesmo nas mensagens instantâneas que chegavam nos aplicativos multiplataforma reforçaram o convite.

Essa reabertura mesmo que de modo distanciado socialmente somada a algumas experimentações de práticas de ensino com rodas de conversa na disciplina de Psicologia Institucional nos dois semestres de 2020 produziu um reconhecimento da potência de produção mesmo em uma pandemia. Por exemplo, experienciamos (de)formações convidando a diretora de uma escola democrática para partilhar seu cotidiano na cena educacional, entrevistamos pesquisadoras que trabalhavam com luto, escutamos uma enfermeira atuante no enfrentamento das UTIs da pandemia de Covid-19, problematizamos o encarceramento especialmente naquele momento inicial da pandemia com profissional que estava acompanhando adolescentes privados de liberdade em uma perspectiva de socioeducação durante um período de inviabilidade de socialização. Mas ao estarmos um com o outro, fomos reconhecendo as possibilidades de trocas de saberes e alianças mesmo impedidas de circulação social.

Por exemplo, no encontro remoto pela plataforma online com a diretora da escola, iniciamos o diálogo conhecendo uma cena comum e inerente ao projeto de gestão democrática que a unidade educacional estadual vivencia e pratica. Ao acessar o encontro com a docente da disciplina de Psicologia Institucional e a turma de 30 estudantes que estavam no modo on-line, tivemos a oportunidade de conhecer o cotidiano institucional da vida comum: a diretora da escola entrou em nossa "sala de aula" online, na companhia de uma mãe de um educando da escola que estava com ela há 12 horas construindo o viver comunitário da família com a escola. O outro que esteve conosco naquela noite era o filho da diretora que tinha estudado lá e no dia estava participando do grupo de

música e o dia era de ensaio musical para a formatura que ocorreria em dois meses. Isso dimensionou um espaço, uma presença, um encontro entre eles e nós, entre nós e as relações institucionais educacionais daquele estabelecimento de ensino. Esta cena nos lançava no encontro com o outro educacional. Esse material do viver fora cotidiano era raro naquele momento. Sabíamos que tínhamos nossas memórias educacionais vividas em outros tempos, mas encontrar, ver e escutar mesmo que em uma experiência on-line era inovador e alimentador.

Algumas apostas nos fizeram esperar. Desde 2020 o grupo da ANPEPP que construiu esse dossiê também agenciava novos encontros. Eles ocorriam de modo online e sincronamente, surgiram novas conversas e trocas sobre o que vivíamos e compartilhamos como cada universidade vivia suas práticas. Fomos acompanhando e nos escutando em suas diferenças e condições de possibilidades das universidades públicas, privadas e comunitárias (caso da PUC-SP).

As práticas de ensino dos estágios remotos da PUC-SP também demonstravam possíveis. Tínhamos itinerado/transitado virtualmente com professoras, coordenadoras pedagógicas, mães, educandas, adolescentes. Eram novos tráfegos em outros tempos e espaços. Mas aconteciam trocas, conversas, cuidado, mesmo que tivéssemos perdido nossos corredores, passagens, cumprimentos, bancos, trens, ônibus, metrô, conversas casuais e atrasos. A lonjura marcava distâncias concretas entre o bairro da universidade e os locais de estágio do curso de Psicologia. O viver nesta outra formação universitária não tinha mais árvores, quarteirão, rua e circulação. Estávamos em nossas residências, com nossos familiares, crianças e adultos acessando cada atividade formativa em nossos computadores pessoais intensamente sustentadas por nossas vidas privatizadas. Durante toda a pandemia, este encontro com o fazer convocava ao movimento do fora do mundo além de nossas demandas caseiras. A estratégia de manter nossas práticas de estágio no campo educacional por um compromisso com as educadoras e educandas e educandos foi potencializador do movimento e vibração do viver para todes.

Em São Paulo, apesar das escolas municipais estarem fechadas para as atividades em salas de aulas físicas, as educadoras prosseguiram trabalhando com precariedade importante, efeito da desigualdade digital e nos estágios da Psicologia na interface com a educação o alcance inicialmente ficou restrito ao acesso às equipes multiprofissionais de psicólogas e psicopedagogas com discussões de caso de crianças e adolescentes que já estavam em acompanhamento por demandas do não aprender atreladas com sua condição de vulnerabilidade social. Insistimos na aproximação das educandas, e passamos a fazer itinerâncias on-line mediadas por telas de telefones das equipes dos SAICAs (Serviço de Acolhimento Institucional de Criança e Adolescente), pois as crianças estavam

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências privadas de sua liberdade pela contenção da pandemia intensificada pelo afastamento de suas vinculações familiares e comunitárias neste acolhimento institucional pandêmico.

Em outra ocasião construímos uma ação de apoio e acompanhamento para a aprendizagem junto com a equipe multiprofissional do NAAPA (Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem) da SME SP (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo) trocando cartas entre a estagiária de Psicologia da PUC-SP e uma educanda do Ensino Fundamental. As cartas contavam o que faziam e a educanda exercia sua escrita compartilhando seu gosto e dia a dia. As cartas ofereceram materialidade para a escrita de uma educanda que lidava com seu processo de escolarização naquele momento sobredeterminada com sua mãe em casa.

As sobreimplicações desta condição constituíam um viver formativo pandêmico que interrogava e nos desafiava sobre o reconhecimento de fazeres distantes dos territórios. Inicialmente nos vimos em movimentos e ações de sobrevida para alcançar os currículos gradeados nos planos pedagógicos e em seus cronogramas. Mas resistimos e criamos caminhos itinerando mesmo que de modo on-line.

No segundo ano, o próprio ciclo de formação da PUC-SP deslocou-se e se valeu do tema: "O olhar do professor para os estudantes no contexto da pandemia". Passamos a nos ver mais ainda de modo on-line, mas fora dos horários determinados pelo currículo do ensinar curricular. Era uma busca de troca de olhares, de aberturas e de reconstruções.

Nesta formação estivemos com a parceira Milena Silva Lisboa, coautora deste artigo, e a Profa. Dra. Mônica Daltro (Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública). Neste encontro, trocamos sobre aberturas extensionistas inventadas (algumas delas aqui relatadas) pelas colegas em sua universidade, que nos trouxe afirmações potentes.

Seguindo ainda na pandemia, em meio aos acontecimentos mortíferos no Brasil e no mundo, passamos a ampliar encontros e a transitar com parceiros/as de organizações do cenário da Justiça e da Saúde Mental em algumas conversas para criar novas possibilidades, ainda que no viver emergencial e de modo remoto. Mas, experimentando a vivência síncrona, insistimos em aglomerar em reuniões de planejamento com as estudantes interessadas em pesquisar e estudar sobre esse campo. Mesmo com esses portais circunscritos em espaços de postagens, arquivos e tarefas, voltamos a buscar diálogos-pontes entre nós. Ao divulgar por e-mail a abertura para o campo de pesquisa neste cenário, tivemos mais de trinta estudantes candidatas para compor um estudo sobre o cuidado de meninas na socioeducação. Práticas de resistência se uniam.

Os encontros também trançaram uma rede que balançou mesmo no plano da tela. Em um grupo de aliadas e aliados, especificamente em um Grupo de Trabalho com os agentes da socioeducação, com pesquisadoras e trabalhadoras (Ministério Público, Defensoria Pública, ONGs), escutamos e acompanhamos situações vividas nas unidades femininas de socioeducação de São Paulo e pensamos juntas estratégias de enfrentamento que regulavam corpos adolescentes.

A partir desse agenciamento de coletividades e de enunciação sobre a socioeducação e as meninas, planejamos uma pesquisa e estudo para analisar a experimentação desta composição de rede de proteção saúde-justiça. Depois de trocas de mensagens delineamos o lócus de encontro da circulação da pesquisa: um serviço de CAPSij (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil) que compõe a rede de cuidado de meninas em cumprimento de medida socioeducativa de internação do município de São Paulo.

A pesquisa mapearia os itinerários terapêuticos de meninas em privação de liberdade para cartografar a produção de cuidado construído e pôr em análise as circunstâncias complexas envolvidas nos percursos de vida delas. Nos parecia que a produção de resistência de agentes da rede do itinerário terapêutico enlaçaria as “meninas fora da lei” (DINIZ, 2015) na fronteira do cuidado ao enfrentar e tensionar as suas destinações mortíferas.

A construção coletiva dessa pesquisa, ao escutar e construir com as trabalhadoras em um grupo de trabalho, dispôs um encontro da formação que nos lançava na escuta e escrita das trajetórias das meninas, desviando de histórias de vidas interrompidas e mortificadas.

Encontramos neste pesquisar a história de uma menina sentenciada à privação de liberdade por acusação de homicídio contra um homem que tinha por anos a explorado sexualmente e a violência de gênero não era pauta do processo jurídico, mas sim o seu ato, ao atuar contra ele após anos de sofrimento sociopolítico. Ela passou a ser objetificada como agressora e ao escutarmos as terapeutas do CAPSij e conhecer suas invenções culturais e poéticas, conhecemos narrativas que reposicionavam sua luta por direitos e cuidado.

A investigação foi realizada permanentemente em processos de consulta participativa e cogestão das trabalhadoras do CAPSij (LOURAU, 1993) com produção de um re-existir entre todas envolvidas na pesquisa, pesquisadoras de iniciação científica (IC), orientadora e trabalhadoras da saúde mental.

A metodologia da pesquisa, ao compor com o dispositivo grupo (grupo das entrevistadas e trabalhadoras do CAPSij, grupo das pesquisadoras da IC, grupos das agentes do campo psico-jurídico), todos agenciados de modo online, permitiu a análise e escuta do cuidado com as meninas

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências e a rede de CAPSij. Permanecer e resistir com as estudantes no cotidiano semanal de reuniões de pesquisa, ampliar trocas com o serviço produzindo cuidado, criou um entrelaçamento do viver acadêmico em uma experiência formativa de estudantes que estavam antes distanciadas e estáticas na forma-tela-plana de duas dimensões. Algumas portas de estudos foram reabertas e um fazer-intervenção se revigorou. Mapear com as estudantes o que é fazer pesquisa no campo da análise institucional criou uma permeabilidade do serviço-fora lá da vida na Rede de atenção psicossocial e conectou com a universidade-dentro.

O primeiro encontro da pesquisa ocorreu virtualmente, mas de modo síncrono, com cada pesquisadora de IC e orientadora em suas residências e a equipe do serviço da tela de um dos telefones delas lá no serviço. Esse lá e cá produziu um respiro para as trabalhadoras e entrevistadas e vibrou mesmo que trincado pelo gelo das máquinas os nossos pensamentos e enriqueceu o nosso viver com picos de animações ao descobrir vidas compartilhadas e interessadas umas com as outras.

Escutamos da equipe que também as meninas aprisionadas na Fundação CASA em seu duplo impedimento de circulação, pelo encarceramento e pela pandemia, inventaram saídas para não enlouquecer no internamento. As meninas também buscavam escapar do isolamento e fizeram contato por telefone e cartas com as técnicas do CAPSij, para o cuidado próximo com a equipe. Nós junto com elas também buscamos o mesmo serviço para cuidar da vida (de)formativa intensificada pela pandemia. Era um reencontro desejante com o cuidado.

O pesquisar frio submetido às medidas de largura e comprimento da tela dos computadores de cada pesquisadora e das profissionais do serviço de saúde mental se aqueceu, e juntas desmancharam e derreteram o congelamento pandêmico do isolamento social. Ao habitar o serviço de modo híbrido, a pesquisa "Cartografia dos itinerários de cuidado de meninas fora da lei: experimentações da resistência" prossegue e segue atuando com dimensões que forjam novos espaços vitais. Somos pesquisadoras trilhando caminhos com elas. A presença nos restituiu ao outrar-se e agenciar coletivos que estenderam a formação universitária emergencial para deslocá-la no encontro com a sociedade aqui mediada por uma pesquisa com meninas e mulheres que experimentam cuidados de si e do outro. Reconhecemos a ação deste pesquisar como substantiva da extensão universitária em intensa conexão e produção.

Brasilândia Solidária: fronteiras da formação

Ao longo de toda a pandemia no ano de 2020, o território da Freguesia do Ó/Brasilândiaⁱ esteve dentre os mais afetados no número de mortes por Covid-19 em todo o município de São Paulo.

De fato, a pandemia colocou para as populações periféricas o sofrimento adicional do risco de perder a vida por estar e viver naquele lugarⁱⁱ. No contexto brasileiro, a pandemia produziu um aprofundamento abissal numa sociedade já desigual na forma do desmonte das políticas sociais como política de governo e da produção de um desamparo generalizado – da população e em particular dos profissionais de saúde – na ausência, marcadamente por parte do governo federal, de medidas sanitárias e econômicas efetivas de mitigação de seus efeitos.

Na perspectiva da afirmação da vida e fazendo frente ao embrutecimento e à naturalização deste estado de coisas, habitamos (em torno de 50 estudantes e mais de 10 professores) uma ação territorial, ao lado de uma série de iniciativas comunitárias (de moradores, lideranças de ONGs e coletivos locais) e das diferentes políticas públicas (gestores e profissionais da Saúde, Educação, Assistência, etc.) que se fez pela construção de uma ampla rede - a “Rede Brasilândia Solidária” - que teve como tarefa a defesa e proteção da vida dos moradores do território diante da pandemia. Tal ação reuniu em torno de 260 voluntários e mais de 30 organizações, entre abril e dezembro de 2020, convocando a imaginação coletiva para forjar outros futuros — ou “futurabilidades” (BERARDI, 2020).

Como aponta Rosa (2022), a ideia de criar uma rede de solidariedade no território foi aventada antes da pandemia visando o enfrentamento coletivo dos desafios impostos à população frente ao acirramento da desigualdade social e, em consequência, da condição de pobreza naquele distrito de São Paulo. A Brasilândia, em função de sua formação histórica, é um território repleto de iniciativas e projetos coletivos (associações, institutos, entidades, movimentos ou de ações diretas de moradores) de luta frente às violações de direitos que lhe são impostas. No entanto, tais iniciativas não experimentavam ainda uma articulação em rede.

O documento de instituição da Redeⁱⁱⁱ situa suas principais linhas de ação: a constituição de um comitê civil com participação da sociedade e de parlamentares; constituição de um grupo operativo para ações de combate ao novo coronavírus na região; implementação de Hospital de Campanha e preparação dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) do território para receber casos confirmados; desinfecção das favelas; produção e distribuição de máscaras; testagem em massa para garantir isolamento de casos positivos; preparação de hotéis e escolas para receber idosos da região, a fim de garantir seu isolamento e proteção; agilização da entrega do Hospital da Brasilândia; aumento das equipes do SAMU; trabalho junto ao comércio local para garantir medidas de proteção; recursos

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências e suporte para ampliação da atuação da Estratégia Saúde da Família (ESF) na região; arrecadação de fundos e distribuição para a população local; acompanhamento das ações públicas de proteção social às famílias, inclusive quanto ao acesso ao auxílio emergencial; intensificação das ações de orientação e fiscalização no território pelo poder público.

As ações foram organizadas em núcleos de trabalho e num dispositivo de articulação de representantes dos núcleos para compartilhar as ações, ideias, projetos e trabalhos conjuntos, definindo caminhos da Rede. Os núcleos eram: Comunicação, Saúde, Assistência Social, Cultura, Educação, Captação de Recursos, Juventude, Trabalho e Renda, Entidades, Pessoa com Deficiência e Prevenção à Violência contra a Mulher.

A universidade (PUC-SP), pela parceria histórica com o território e sua rede de políticas públicas, atuou na Rede apoiando-a e, ao mesmo tempo, tomando-a como importante campo de formação no contexto da pandemia, participando mais especificamente da organização e desenvolvimento de projetos voltados à juventude, à geração de trabalho e renda, à difusão de medidas de prevenção e proteção pela rede de saúde e à criação e divulgação de conteúdos de comunicação (produção de boletins, lives e documentos públicos) e na publicação de memórias da pandemia no território.

A terceira experiência que aqui focalizaremos é a que se deu especialmente no Núcleo de Juventude, mais especificamente no que se chamou “Projeto Praças” e que consistia na presença sistemática de jovens moradores do território, estudantes ou não da universidade, com outros atores da Rede (profissionais de saúde ou da assistência) nas praças, em geral na forma de um ponto (mesa, barraquinha...), onde se conjugavam ações de prevenção à Covid-19 (oferta de máscaras, álcool gel, instalação de pias), redução de danos (distribuição de piteiras), circulação de informações (produzidas pelos vários núcleos) e um convite à conexão dos jovens com as políticas públicas e as ações da Rede. Buscava-se ainda, de forma itinerante na praça, conhecer os jovens e como levavam a vida nesse período, além de dialogar em torno de suas necessidades.

A condição de uma população majoritariamente jovem no território e o reconhecimento da importância de atingir esse público levaram o Núcleo de Juventude a perseguir a construção de um diálogo aberto com esses moradores. Uma ação estratégica foi a realização de visitas à Praça Marielle Franco, local de reunião e encontro de jovens, para conversar com tal população. A partir das visitas, foi possível identificar três importantes obstáculos para o cumprimento do isolamento social no território: a deslegitimação da pandemia em função de conteúdos propagados por fake News; a descrença nas narrativas e recomendações do Estado frente ao histórico de violência por ele operado no território; a falta de condições

LISBOA; VICENTINI; GRAMKOW

materiais para o isolamento. A partir dessa escuta, o núcleo esteve presente na praça, construindo diálogos e efetivando a distribuição de máscaras e álcool em gel. (ROSA, 2022)

Um analisador importante dessa experiência foi o lugar de protagonismo dos jovens no Projeto, em particular os estudantes (em geral prounistas) moradores do território da Brasilândia num momento em que eram eles alvos redobrados do perigo: dessa vez ainda de ampliarem o riscos do contágio Covid-19 por seus “comportamentos de risco”. Tal protagonismo teve uma dupla incidência: no seu território de vida, pela possibilidade de conversas abertas com as lideranças comunitárias (em geral mais velhos) sobre temas candentes no território – como uso de drogas e baile funk -, que os posicionavam muitas vezes no lugar do perigo ou do problema; e na universidade, abrindo fronts e fronteiras na relação com os territórios periféricos, numa inversão da relação centro-periferia, uma vez que os docentes e outros estudantes (não moradores) em função das disposições sanitárias não podiam se presentificar, tendo dificultada sua incidência corporal no território.

A corporeidade protagonista dos jovens que se arriscavam numa ação de cuidado e de compromissos com seu território de vida colocou pautas importantes no diálogo com os mais velhos (líderes comunitários, lideranças pastorais), como a de maior escuta dos adultos para o que expressava a posição dos jovens (como a descrença) e, em especial a da construção de um ethos em suas relações. As afecções vividas nessa experiência convocaram o diagnóstico permanente da experiência de vida/morte dos jovens no território, na forma da persistente “angústia de aniquilamento” (MBEMBE, 2018).

Tal ethos foi formulado nos primeiros encontros, possibilitando pensar as condições de uma “relação”, quando o que se desenhava muitas vezes estava mais perto de uma experiência de “desligamento”. A tarefa, como sugere Kiffer (2019), era a de distinguir no campo muitas vezes conflitivo desse encontro a diferença entre o que é da ordem da “separação (que se impõe com o surgimento das reivindicações minoritárias e singulares)” e da ordem do “desligamento (que deixa livre o curso para as investidas autoritárias e violentas)”.

A síntese das primeiras reuniões do GT Juventude (abril/maio de 2020) que resultou no documento abaixo nos permite ter uma ideia da construção das condições de possibilidade de uma relação, e principalmente de uma relação na forma da prova da “igualdade”, como sugere Rancière (2010). Segundo o autor, a política existe porque aqueles que não têm direito de ser contados como

Experiências extensionistas e formação: território, cuidado e resistências

seres falantes conseguem ser contados e por colocarem em comum a contradição entre dois mundos alojados num só, instaurando uma partilha entre eles, “fazendo ver o que não cabia ser visto, fazendo ouvir um discurso onde ali só tinha lugar o ruído” (p. 43). Ou seja, existe política quando a lógica supostamente natural da dominação é atravessada pelo efeito da igualdade. Assim, a igualdade é intempestiva, dependendo sempre da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verificá-la (RANCIÈRE, 2010).

O agir comunicativo e o trabalho com juventude

Não adotar procedimentos de repressão ou apenas sobre o que não fazer (fiquem em casa), mas incrementar estratégias de cuidado e de apoio para/no cotidiano.

Desmitificar ideia da “invulnerabilidade” dos adolescentes e jovens e ampliar informação sobre as possibilidades de contágio no âmbito da família e do cuidado dos mais velhos. Trabalhar na perspectiva do cuidado e do autocuidado.

Apostar na informação qualificada X fake new. Ampliar a participação de adolescentes e jovens na produção de materiais e estratégias informativas.

Não culpabilizar a população; criar as reais condições de fazer quarentena, exigir as condições do poder público! Dialogar a partir das necessidades concretas das pessoas e não de regras universais.

Trabalhar no campo da subjetividade: conversar com pessoal da cultura. Estimular a conversa dos grupos funk, rap, etc. com o os jovens a eles ligados.

Transversalizar e articular ações do GT com cultura, saúde e educação. Articular Redução de Danos e Prevenção à Covid-19.

Trabalhar na linguagem dos adolescentes; incrementar lazer dos adolescentes e jovens: ferramentas de diversão em casa e em conexão com outros.

Cuidar do Luto coletivo – texto convidando famílias. Mortes com rosto, humanizando a estatística. Homenagem e memória (05.05.20 - GT Juventude).

Esta ação nos mostrou a força deste processo cogestionado e solidário, uma enorme vitalidade social que nos exigiu também uma atenção permanente à gestão dos conflitos, aos riscos de dispersão, bem como à sustentação do exercício de um espaço plural e relacional. A dimensão formativa desta

LISBOA; VICENTINI; GRAMKOW
experiência incidiu nos corpos dos estudantes, docentes e outros participantes, e também em um deslocamento quanto ao modo de pensar-fazer as atividades de extensão.

Considerações finais: Transversais na formação-extensão

Formar com a pandemia (e não, a despeito da pandemia), conforme acompanhamos nos relatos das três experiências, nos colocam na perspectiva do deslocamento, da construção de fronteiras e da intensificação das relações universidade-mundo na experiência formativa.

Tal modo de agir, a nosso ver, tem redobrado interesse principalmente no momento em que se discute a curricularização da Extensão no Ensino Superior^(iv), com suas aberturas e riscos. Já contamos com uma trajetória crítica às políticas extensionistas que problematiza suas versões “coloniais”, seja a da versão pastoral (como doação-caridade) ou da “má consciência da universidade” (DEMO, 2001), herdeira da legislação de 1968 (Lei federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, conhecida como Lei da Reforma Universitária), que preconiza a “difusão cultural” e os “objetivos sociais filantrópicos” da universidade. Aquela que concebe a extensão como um “estender” a produção acadêmica além muros, quando a “interação” universidade-sociedade se faz como “aplicação”, “produção de tecnologia”, reafirmando a distância social e a direção unilateral “da universidade para a sociedade” (CALDERÓN, 2003, p.37). Tal perspectiva é visível por exemplo na concepção da extensão como prestação de serviços, na forma da oferta de cursos, seminários, conferências e serviços oferecidos à população, o que permanece até nossos dias, como nos lembra Toscano (2015).

A perspectiva cidadã (derivada da Constituição) que inscreve a extensão como indicação do compromisso e função social da universidade, de forma indissociável do ensino e da pesquisa, se faz assim num campo de variações, marcado pelas ‘heranças’ do período da ditadura civil-militar, mas também por posicionamentos mais ou menos radicais quanto à “construção de uma sociedade mais justa, democrática e equânime” (NOGUEIRA, 2000, p.11). Se faz, deste modo, por meio do “apoio solidário na solução dos problemas de exclusão e discriminação sociais” (SANTOS, 2005, p.74), em que se afirma “uma prática acadêmica antihegemônica” (TOSCANO, 2015)^v, em contextos de agudas desigualdades sociais como ocorre na sociedade brasileira^{vi}, sugerindo a extensão universitária como um caminho para “promover, facilitar e empreender uma reforma de pensamento” (TOSCANO, 2015, p. 61).

As três experiências nos permitem pensar na potência da extensão universitária em inventar dispositivos que fazem falar e multiplicar sinais de existência. Por escapar das amarras dos currículos e preferir engendrar-se pelos territórios que compõem a comunidade universitária, a vocação mesma da extensão, enquanto lócus de produção de saberes e práticas articulados às demandas da sociedade, nos permite assumir um lugar estratégico. Estratégico porque parte da condição de liberdade e autonomia, já salientadas por Foucault (2000), para forjar-se como usina de ideias, ideais e inventividades do cotidiano, e ousar o impensável na formação, para além dos limites disciplinares e profissionais.

Os centros de extensão deveriam ser compreendidos justamente como uma usina de dispositivos clínico-políticos de invenção e experimentação de tecnologias propositivas que tornam o saber universitário intimamente conectado com a sociedade em que está inserido. Os programas de extensão geralmente propõem distintas tecnologias vinculares que se permitem cuidar inventando micropoliticamente outros modos de relacionamento com o mundo, ousando compor processos de subjetivação que escapam à lógica disciplinar e normativa. Usina de inventividades sensíveis e dispositivos de cuidado.

Por fundamentar-se em práticas de liberdade para compor suas tecnologias vinculares, a extensão também se configura como campo de pesquisa quanto à eficácia destes dispositivos clínico-políticos, quanto às práticas e aos seus fundamentos epistemológicos. A dimensão do cuidado nas práticas de extensão envolve, portanto, saberes articulados com práticas e sensibilidades aos territórios e às demandas das comunidades. Educar passa a englobar então uma atitude ética e estética frente a si mesmo e aos outros, que parte da criação de dispositivos e tecnologias vinculares, como as escritas de si, as cartas, as fotografias, as práticas corporais, as rodas de conversa, e vão em direção ao infinito de nossa imaginação. Tais inventividades nos permitem compreender o papel da universidade para além da formação convencional. E, desse modo, micropoliticamente inventando, cutucando e forjando novos modos de nos relacionar com as ecologias de saber através da arte, do corpo, dos afetos, dos encontros, caminhamos em direção às práticas de liberdade, a novos modos de subjetivação pautados por uma arte de existir (a vida como obra de arte), nesta usina de modos de resistência, por uma vida não fascista.

Referências

- ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; SILVA, Edson Pereira da. Pensando a Extensão. **Interagir**: Rio de Janeiro, n. 4, p. 25-38, ago./dez 2003 1 33
- BERARDI, Franco. **Entrevista**. <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-06-02/franco-berardi-a-pandemia-reativou-o-futuro-vejo-condicoes-para-a-reformatacao-igualitaria-da-mente-social.html>
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- CALDERÓN, A. I. Extensão universitária: institucionalização sem exclusão. In: **Revista Educação Superior**. Piracicaba: EDUNIMEP, v.53, p.36-38, 2003.
- CASTRO, E. V. de. (2006). A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)**, 15(14-15), p. 319-338. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p319-338>
- DEMO, Pedro. Lugar da extensão. Em: FARIA, Dóris Santos de. **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, 2001. p. 159 - 173.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Trad. Antonio C. Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DINIZ, Débora. (2015). Pesquisas em cadeia. **Revista Direito FGV**, 11 (2), 573-586.
- FORPROEX. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. GT – Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e Flexibilização Curricular. **Avaliação Nacional da Extensão Universitária: pressupostos, indicadores e aspectos metodológicos**. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/wp-content/uploads/sites/96/2019/06/colecao_extensao_universitaria_3_avaliacao.pdf
Acesso em: 06 out. 2006.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e escritos**. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 2.
- FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREITAS, Alexandre Simão de. Michel Foucault e o cuidado de si: a invenção de formas de vida resistentes na educação. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-190, jul./ dez., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v12i1.847>

KIFFER, Ana. O ódio e o desafio da relação. Em: Ana Kiffer e Gabriel Giorgi. **Ódios políticos e política do ódio**. Lutas, gestos e escritas do presente. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ. Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.

NOGUEIRA, M. D. P. **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Por uma vida não fascista**. (pp. 235-265). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento - política e filosofia**. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996. 144 p.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista Conexão UEPG**, vol. 8, núm. 2, julho-diciembre, 2012, pp. 154-163 l.

TOSCANO, Geovânia da Silva. **Extensão universitária e formação cidadã**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 381p.

ⁱ Situado na Zona Norte de São Paulo, é território com o qual a PUC-SP tem uma longa história de parceria e trabalho conjunto envolvendo a formação em saúde de nossos estudantes e atividades de extensão e pesquisa articulados principalmente aos processos ditos de “integração ensino-serviço” na direção de um SUS-Escola.

ⁱⁱ Sabemos que a medida sanitária de isolamento/distanciamento social não é acessível a todos assim como a autoproteção social, sobretudo aos que vivem em aglomerações urbanas de não proprietários. Por não terem condições de efetivar a recomendação sanitária de prevenção estão mais expostos e mais expõem seus familiares e amigos a risco de morte e de contaminação.

ⁱⁱⁱ <https://www.facebook.com/114171823605540/posts/114207936935262/>

^{iv} A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), no artigo 46, inciso VII, estabelece que uma das finalidades da Educação Superior é “promover a extensão, aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e dos benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996). A curricularização da extensão tem se referido ao processo de inclusão formal das atividades extensionistas na matriz curricular dos cursos de graduação e pós-graduação, conforme suscitada pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 do MEC que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira.

^v Toscano nos lembra que já nos anos 1930 e com o movimento estudantil na década de 1960, uma concepção da “Universidade da extensão” se fez presente na Carta da Bahia: “Abrir a universidade para o povo, através da criação das Faculdades de cursos acessíveis a todos [...]. Colocar a universidade a serviço das classes desvalidas, com a criação de escritórios de assistência judiciária, médica, odontológica, técnica (habitações, saneamento de vilas ou favelas), etc. Que isto não seja realizado paternalisticamente [...]. É necessário sobretudo despertar a consciência popular para seus direitos. (UNE, 1961, p. 26 - 27)” (TOSCANO, 2015, p.29).

^{vi} O Grupo de Trabalho Indissociabilidade Ensino, Pesquisa, Extensão e Flexibilização Curricular, criado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) vem, desde a década de 1980, discutindo e apontando algumas experiências que efetivam estes princípios, chamando a atenção para a urgência de mudanças curriculares e estruturais que possibilitem, por meio indissociável entre o ensino, a pesquisa e a extensão, a análise crítica da realidade brasileira desde o início da formação acadêmica do estudante (FORPROEX, 2006, p. 2, apud Toscano, 2015,

p.65). Cito a autora: “Neste encontro, a extensão foi assim definida: A extensão como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. [...] A extensão é uma via de mão-dupla, com o trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão o aprendizado que submetido a reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.” (2015, p. 66).



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 14/08/2022
Aprovado em: 22/11/2022